

**Artigo****O Cuidado na relação professora e alunas: A educação no cárcere numa perspectiva fenomenológica**

Care in the relationship between teacher and students: Education in prison from a phenomenological perspective

Caroline Martins de Sousa¹, Wanderley Cardoso de Oliveira²

Universidade Federal de São João del Rei- UFSJ, São João del Rei- MG, Brasil

Resumo

No presente artigo, relatamos os caminhos percorridos na pesquisa de Mestrado em Educação da Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ), defendida em 2016. Com tal estudo buscamos compreender, numa perspectiva fenomenológica, a relação entre professora e alunas em uma escola no sistema prisional da cidade de São João del-Rei, MG. Trata-se da Escola Estadual Detetive Marco Antônio de Souza, na unidade de Associação de Proteção e Assistência ao Condenado (APAC) feminina. Essa relação é interpretada a partir do conceito de "Cuidado" (*Sorge*) apresentado no livro *Ser e Tempo* (1927), principal obra do filósofo alemão Martin Heidegger (1889-1976). Para tanto, apresentamos a interpretação do conceito de Cuidado; mostramos os caminhos da pesquisa, os percursos e recursos metodológicos utilizados na pesquisa; e descrevemos o ambiente em que ela foi realizada. Por fim, à luz do conceito exposto, focamos na relação da professora com suas alunas, das alunas umas com as outras, e de todas com o ambiente em que estão. Segundo Heidegger, existir no mundo é cuidar de si, dos outros e do mundo no qual habitamos. Nesse sentido, concluímos, nesta trajetória investigativa, que a educação na dimensão do Cuidado é uma das maneiras de humanizar a vida entre as grades.

Abstract

In this paper, we report the pathway taken in the Master Degree in Education research at the Federal University of São João del-Rei (UFSJ), Brazil, presented in 2016. With this study, we seek to understand, from a phenomenological perspective, the relationship between teacher and students in a school in the prison system in the city of São João del-Rei – MG. The institution is the State School Detective Marco Antônio de Souza, in the female unit of Association of Protection and Assistance to the Convict – APAC. Such relationship is interpreted using the concept of Care (*Sorge*), presented in the book *Being and Time* (1927), the main work by the German philosopher Martin Heidegger (1889-1976). To achieve our goal, we introduce the concept of Care; we show the pathway and methodological resources used in the research; we then describe the ambiance in which it took place. Lastly, in light of the exposed concept, we focus on the teacher's relationship with her students, on the student's relationship with each other, and on the relationship of all of them with the environment in which they

¹ Mestre em Educação pela Universidade Federal de São João Del-Rei- UFSJ. Orcid: <http://orcid.org/0000-0002-1853-054X>. Contato: carolinemartinss@yahoo.com.br.

² Doutor em Filosofia e professor na Universidade Federal de São João Del-Rei- UFSJ. Orcid: <http://orcid.org/0000-0001-6467-5910>. Contato: woliv2@gmail.com.

are. In this sense, we conclude, in this investigative trajectory, that education within the dimension of Care is one of the ways to humanize life behind bars.

Palavras-chave: Cuidado, Educação em prisões, Relação professora e alunas.

Keywords: Care, Education in prisons, Relationship between teacher and students.

Introdução

No caminhar da pesquisa de Mestrado em Educação, nossa intenção foi compreender, de maneira fenomenológica³, a relação entre professora e alunas na Escola Detetive Marco Antônio de Souza, alocada na Associação de Proteção e Assistência aos Condenados (APAC)⁴ feminina do município de São João del-Rei, Minas Gerais. Buscamos investigar essa relação nos baseando no conceito de Cuidado (*Sorge*) proposto pelo filósofo alemão Martin Heidegger (1889-1976), em sua obra mais relevante, *Ser e Tempo (Sein und Zeit)*, publicada pela primeira vez em 1927.

Começamos a caminhar com as seguintes interrogações: Existe a dimensão do Cuidado na relação entre professora e alunas em espaço de encarceramento? Se existe, como acontece essa relação? No sentido de tais questionamentos, primeiramente, procuramos expor o conceito de Cuidado e as noções que o integram. Em seguida, apresentamos os caminhos e recursos metodológicos utilizados neste trabalho, descrevemos o ambiente de pesquisa e os sujeitos que o habitam. Por fim, apresentamos alguns pontos de chegada, tendo em vista nossas questões.

Cabe-nos agora mostrar até onde chegamos, considerando, desde já, que na perspectiva fenomenológica não é possível abarcar aquilo que se pesquisa/investiga como um todo; o que podemos perceber é o fenômeno: aquilo que a minha consciência pode perceber do que se mostra na e desde a experiência. Assim, no caminhar fenomenológico, não buscamos compreender "o que é", mas "como é" o fenômeno. É na vivência, entrelaçada ao fenômeno pesquisado, que algumas respostas podem vir à tona em meio a contínuas interrogações que podem surgir, para além daquelas intencionadas, neste percurso investigativo.

1 O nosso ser como Cuidado

Para Heidegger, existimos no mundo a partir das relações que estabelecemos com nosso Ser, o Ser dos outros e do próprio mundo. Ser-no-mundo (*in-der-Welt-sein*) e Ser com os outros (*Mitsein*) são dimensões essenciais de nosso Ser. Isso se dá de tal modo que não podemos existir sem essas relações e é só a partir delas que se desvelam as possibilidades de Ser próprias do humano: Ser professora, Ser aluna, Ser mãe, Ser artesã. Tais

³ A vertente fenomenológica usada aqui é compreendida como Fenomenologia Hermenêutica, de Heidegger. Nesta tendência se enfatiza, mais que a descrição de uma experiência, a interpretação é dada a ela por aqueles que a vivenciaram. No caso deste trabalho: as alunas, a professora e a pesquisadora.

⁴ Associação de Proteção e Assistência aos Condenados- APAC "é uma entidade civil de direito privado, com personalidade jurídica própria, dedicada à recuperação e à reintegração social dos condenados a penas privativas de liberdade" (TRIBUNAL DE JUSTIÇA DE MINAS GERAIS, 2011, p. 26).

possibilidades só se efetivam em uma relação com os outros e com as coisas, a partir de uma ocupação. Nós, enquanto existentes, estamos desde sempre projetados no mundo, no qual compartilhamos nosso existir com os outros, continuamente nos fazendo, pois nem nós (eu e outro) e nem o mundo estamos prontos ou acabados. O inacabamento está inelutavelmente no horizonte de nosso Ser. Sendo assim, é a partir desse horizonte que descobrimos o nosso Ser e o Ser das coisas que nos vêm ao encontro desde esse mesmo horizonte. O estudo ontológico tradicional parte do pressuposto de que tanto o humano quanto o mundo já se encontram "prontos", conferindo-lhe, assim, um caráter substancial. Contudo, o pensamento fenomenológico rompe com essa concepção ao considerar que o Ser do mundo e o Ser do humano não se separam, um não é sem o outro. É a partir dessa coopertinência, que se verifica entre humano e mundo, que se dá a ruptura com as teorias da substância.

Assim, não estamos simplesmente no mundo, mas também nos relacionamos com ele. Por exemplo, na ação de pintar, junto ao mundo da pintura, também nos vêm ao encontro os outros: quem fabricou o pincel, a tinta, a tela, os futuros compradores e apreciadores da obra, o *merchant*, os curadores etc. No entanto, os outros, aqui, não significam o resto do mundo além de mim; pelo contrário: nós, enquanto Ser-no-mundo (*in-der-Welt-sein*) somos Ser-com-os-outros (*Mitsein*), à medida que temos em nosso Ser essas mesmas possibilidades (tanto a possibilidade de Ser pintor como a de Ser fabricantes de pincéis, apreciadores de arte etc.). É a partir desse Ser-no-mundo, determinado pelo "com", que o mundo é sempre mundo compartilhado. Ora, se existimos somente nessa correlação, não é possível cuidar da minha própria existência sem cuidar do outro e do mundo que habitamos.

Enquanto Ser-no-mundo, faz parte de nossa constituição ontológica o Cuidado (*Sorge*). Ele é integrante da nossa existência no mundo. Dessa forma, o Cuidado está em todas as nossas relações, estejamos nos apropriando autenticamente das coisas ou não. Cuidado é a tradução da palavra alemã *Sorge*, que nos remete aos termos *Fürsorge* e *Bersorgen*. O primeiro se refere ao Cuidado que temos com os outros que compartilham o mesmo modo Ser (as alunas, a professora, a pesquisadora). *Bersorgen*, ao contrário, refere-se à Ocupação, que é o Cuidado que temos com as coisas com as quais nos ocupamos (a caneta, a mesa, o livro):

O Cuidado que se volta para os entes intramundanos no já-ser-junto a eles nós chamamos de ocupação (*Bersorgen*). A palavra latina *ocupare* encerra em si o verbo *capare*, que significa pegar, tomar, agarrar, prender, aprender. No prefixo desta palavra que está o ob-, que sugere a abertura de âmbito, de uma envergadura que pode ser preenchida. Nós ocupamos o nosso tempo, nos ocupando com as coisas, isto é, tomando-as, agarrando-as, trazendo-as para dentro da envergadura do nosso cuidado, tornando-as, assim, familiares de nosso mundo. O nosso cotidiano, é por isso, feito de afazeres (FERNANDES, 2011, p.24).

Essa diferença nas derivações do substantivo *Sorge* significa que os humanos não devem ser cuidados como meras coisas com as quais nos

ocupamos no cotidiano, mas que carecem de um Cuidado diferente e mais atencioso: o *Fürsorge*, que está inteiramente ligado à estrutura Ser-no-mundo, por isso não existe cuidar de si sem cuidar dos outros e do mundo.

O Cuidado é integrante da nossa existência no mundo. Para descrever melhor esse aspecto, vejamos uma fábula citada por Heidegger, no parágrafo 42 de *Ser e Tempo*, dedicado ao fenômeno:

Certa vez, atravessando um rio, Cuidado viu um pedaço de terra argilosa: cogitando, tomou um pedaço e começou a lhe dar forma. Enquanto refletia sobre o que criara, interveio Júpiter. Cuidado pediu-lhe que desse espírito à forma de argila, o que ele fez de bom grado. Como Cuidado quis então dar seu nome ao que tinha dado forma, Júpiter o proibiu e exigiu que fosse dado o seu nome. Enquanto Cuidado e Júpiter disputavam sobre o nome, surgiu também a Terra (*Tellus*) querendo dar o seu nome, uma vez que havia fornecido um pedaço de seu corpo. Os disputantes tomaram Saturno como árbitro. Saturno pronunciou a seguinte decisão, aparentemente eqüitativa: Tu, Júpiter, por teres dado o espírito, deves receber na morte o espírito e tu, Terra, por teres dado o corpo, deves receber o corpo. Como, porém, foi Cuidado quem primeiro o formou, ele deve pertencer a Cuidado enquanto viver. Como, no entanto, sobre o nome há disputa, ele deve se chamar 'homo', pois foi feito de humus (terra) (HEIDEGGER, 1988, p. 266).

Heidegger usa essa fábula para mostrar que o Cuidado está em nossa constituição ontológica, isto é, em nosso Ser. Somos moldados e pertencemos a ele enquanto vivermos. Ele está em todas as nossas relações, sejam autênticas ou inautênticas. Assim, antes de nos lançarmos no mundo das ocupações e das relações, temos o Cuidado. O Cuidado é o Ser do humano.

À luz desse conceito de Cuidado, sem direções predefinidas, procuramos inicialmente compreender/vivenciar o ambiente onde as relações entre professora e alunas aconteciam: a escola na casa de detenção APAC feminina.

2 O caminho da pesquisa: caminhando, o caminho se faz...

No intuito de compreender a relação de Cuidado entre professora e alunas na escola alocada na APAC feminina, ao adotarmos a perspectiva fenomenológica, a compreendemos não como um método de pesquisa, mas como um caminho ou um jeito de caminhar. A palavra "método", do grego *methodos*, remete-nos também a um caminho, mas é o caminho seguro e fechado, no estilo cartesiano, aquele em que, de antemão, já temos direções predefinidas a seguir e até mesmo sabemos o ponto de chegada. No caminhar fenomenológico, é caminhando que o caminho se faz. Em vez das passadas seguras do cartesiano, que sabe ao certo para onde vai, o fenomenólogo tateia, erra, bifurca, não sabe com certeza e clareza qual o caminho que faz, porque é no processo, no durante ou na travessia que ele se configura. Nesse sentido, julgamos pertinente adotar os seguintes recursos: "Descrição do

espaço"; "Observação participante"; "Diário de campo"; "Questionários semiabertos"; "Entrevistas e grupo reflexivo"; e, por fim, "Interpretação hermenêutica".

2.1 Descrição do espaço

A descrição do espaço se caracterizou como uma das maneiras de acesso ao fenômeno da pesquisa. Assim, através de fotos, de pesquisas bibliográficas e da nossa percepção buscamos descrever e habitar o ambiente de pesquisa. Habitar não no sentido convencional de residência, daquele que tem um domicílio que já lhe é bem conhecido, mas no sentido de se adentrar no espaço da pesquisa em questão e estar aberto para acolher aquilo que brota do ambiente, para receber e perceber o inesperado.

2.2 Observação participante

Ao habitar o ambiente da pesquisa e compartilhá-lo com aqueles que ali vivem, a observação se deu a partir da interação com as alunas e a professora, participando das atividades que elas desenvolviam. Mais que se portar como espectador distante e imparcial em relação ao que se passa, esse tipo de observação exige do pesquisador que se envolva com o fenômeno visado. Seu olhar não é de fora ou externo ao fenômeno, é de dentro dele. O pesquisador não está acima do que é pesquisado, de modo que seu olhar possa sobrevoar o ambiente de sua pesquisa. Ele se posiciona no mesmo nível das pessoas que habitam este ambiente e é a partir daí que o observa.

2.3 Diário de campo

Avançando nessa caminhada, assim como os antigos viajantes que registravam seus descobrimentos de povos, terras e mares até então desconhecidos, usamos um diário no qual registramos os caminhos e acontecimentos ocorridos durante o percurso de pesquisa.

Esse diário foi sendo escrito ao longo de todo o trabalho de pesquisa, aberto ao registro de novas ideias e imprevistos que fazem parte do ambiente vivo de pesquisa. As anotações foram feitas posteriormente às idas ao campo de pesquisa; muitas vezes a pesquisadora anotava sentada no banco da praça próxima à APAC, isso porque, como diz Costa (2002, p.151): "[...] penso que é inibidor, e, portanto, inconveniente, escrever intensamente durante o trabalho de campo". Assim, boa parte dessa pesquisa foi tecida em uma praça pública, iluminada pelo poste de luz da rua, em meio às pessoas que ali transitavam, e bem próxima ao ambiente de pesquisa.

2.4 Questionários semiabertos

Os questionários semiabertos, utilizados no início da pesquisa e elaborados de acordo com o tema da mesma, foram respondidos pelos treze professores que atuavam na escola, sendo cinco homens e oito mulheres, além da diretora. Com esses questionários, traçamos o perfil dos professores que trabalhavam na escola alocada na APAC feminina.

A partir desses questionários, observamos que não há uma formação específica, nem mesmo em EJA, para lecionarem em espaço de encarceramento. Percebemos que os professores gostam de atuar nessa unidade e acreditam na transformação humana das alunas encarceradas. Sentem-se respeitados e acolhidos pela escola. Dentre todos, dois professores foram os que mais se aproximaram da temática desta pesquisa, uma vez que foram aqueles que mais se mostraram comprometidos com o processo educativo das pessoas que ali se encontravam encarceradas.

A professora Rosângela⁵ atuava desde o nascimento da escola no Mambengo⁶, em 2008, e lecionava em turmas dos anos iniciais. Já o outro professor estava no seu primeiro ano na escola e atuava em turmas do Ensino Médio, não tendo uma turma única, contudo, o tempo do nosso mestrado não seria hábil para acompanhar todas as turmas. Sendo assim, optamos pela professora Rosângela, que foi quem mais se aproximou daquilo que buscávamos nessa caminhada.

2.5 Entrevistas e grupo reflexivo

Propomos as entrevistas com algumas perguntas abertas, disparadoras da conversa, de modo que, a partir delas, pudessem surgir novas interrogações que trouxessem à luz a experiência da relação de Cuidado na escola em espaço de encarceramento. A pergunta aberta coloca os envolvidos em contato com suas experiências e ajuda-os a descrevê-las melhor. Dessa forma, as entrevistas se configuram mais como um relato vivo do ocorrido do que uma descrição objetiva dos fatos narrados. Elas foram gravadas, transcritas (preservando a fala original e a identidade dos sujeitos) e interpretadas de acordo com os objetivos desta pesquisa.

Na entrevista com as alunas, propusemos encontros reflexivos inspirados nas pesquisas da professora Heloisa Szymanski (2013). Tais encontros têm um caráter hermenêutico, buscando sempre uma compreensão compartilhada do sentido da temática trabalhada, no caso, a relação de Cuidado entre professoras e alunas.

2.6 Interpretação hermenêutica

Nosso olhar, para interpretar aquilo que foi percebido nas observações participantes e registrado em diário de campo, questionários e entrevistas, não poderia ser outro além daquele proposto por Heidegger. A etimologia da palavra "hermenêutica" vem do grego, *hermeneia* (interpretação), e está relacionada ao deus Hermes, o tradutor da linguagem dos deuses, que a tornava acessível aos homens. Com a hermenêutica, buscamos interpretar a relação de Cuidado na escola do sistema prisional, tendo em vista o sentido dela para aqueles que a vivenciaram.

O ver/compreender hermenêutico não é nu. Enquanto humanos, temos sempre uma pré-compreensão acerca do mundo, pois estamos sempre inseridos nele junto aos outros. Isso significa que mesmo um sujeito que nunca

⁵ A professora autorizou a publicação de seu nome.

⁶ O Presídio de São João del-Rei é conhecido pelo nome de "Mambengo".

tenha estado em uma casa de detenção ou em privação de sua liberdade tem uma pré-compreensão do que seja isso. Assim, o ver hermenêutico não é passivo, é um círculo, é compreensão de si mesmo mediante a compreensão do outro, o que faz do trabalho de pesquisa também um trabalho de si mesmo.

Assim compreendido, é a partir desses passos que fomos ao encontro das experiências que permeiam a dimensão do Cuidado nas relações dos sujeitos envolvidos nesta pesquisa.

3 A escola e o cárcere

O sistema carcerário brasileiro é sinônimo de descuido com uma parcela marginalizada da população, excluída por uma sociedade que fecha os olhos para aquilo que não quer ver: a miséria, a pobreza, a feiura e a loucura. Sociedade essa que, na maioria das vezes, prefere segregar/trancafiar pessoas em celas imundas de presídios a enfrentar os problemas da violência e da desigualdade social.

Aos sujeitos encarcerados no Brasil era negado o direito de acesso à educação, assegurado a todos na Lei de Diretrizes e Bases sancionada em 20 de dezembro de 1996. Só em 20 de maio de 2010 foi promulgada a Lei de Diretrizes Nacionais para oferta de educação para Jovens e Adultos nas unidades prisionais, aprovada pelo Conselho Nacional de Educação (Resolução nº 2, de 19/05/2010).

Anterior à promulgação dessa lei, nasce, em 2008, no presídio da cidade de São João del-Rei, MG, a Escola Detetive Marco Antônio de Souza. Instalada inicialmente somente no Presídio de São João del-Rei (conhecido como Mambengo), a escola se expandiu para outros espaços de encarceramento. Em 2009, foi instituída também na APAC que recebe recuperandos⁷ do sexo masculino. Em 2011, foi instalada na Casa do Albergado⁸ e, em 2012, na APAC feminina, na qual desenvolvemos a pesquisa que deu origem ao presente trabalho. A escola passou a atender em quatro unidades de encarceramento, mantendo o presídio (conhecido por Mambengo) como matriz.

Na escola do sistema prisional de São João del-Rei, o sujeito em situação de encarceramento pode cursar todos os seguimentos da educação básica, do Ensino Fundamental ao Médio, na modalidade EJA. No Presídio é opcional ao detento frequentar a escola, mas o aluno tem seu direito garantido por lei⁹ de redução de pena. Nos demais endereços, ou seja, nas APACs masculina e feminina e na Casa do Albergado, a frequência é obrigatória para o recuperando que ainda não concluiu sua formação básica escolar.

Tal obrigatoriedade também acontece em outras instâncias e as regras apaqueanas são bem rígidas. Existem horários e regulamentos para tudo: acordar às seis da manhã, dormir às vinte horas, estudar, trabalhar, participar

⁷ Na APAC, as pessoas presas/detentas são chamadas de recuperandas, tratadas pelos nomes e não por apelidos ou números, e não precisam usar uniformes. Além disso, devem trabalhar e estudar.

⁸ A Casa do Albergado é um estabelecimento penitenciário situado em um centro urbano, destinado ao cumprimento da pena dos condenados ao regime aberto. (Disponível em: <http://eudesquintino.jusbrasil.com.br/artigos/121823069/regime-aberto-prisao-domiciliar-x-casa-do-albergado>. Acesso: 20/07/2020).

⁹ Lei de Execução Penal - Lei 7210/84 | Lei nº 7.210, de 11 de julho de 1984.

dos compromissos e das atividades socializadoras. Não há liberdade de exercício religioso, ou seja, as recuperandas obrigatoriamente têm de seguir alguma orientação religiosa¹⁰.

Mesmo com a rigidez, nas APACs, as condições do ambiente dos recuperandos são diferentes daquelas encontradas em presídios. O sujeito privado de liberdade que outrora dormiria no chão de celas imundas, tomando banho frio e comendo muitas vezes com as mãos, têm, nas APACs, acesso a camas limpas, celas com no máximo quatro pessoas, cada um com sua cama, revelando uma clara proposta do sistema apaqueano: a de devolver uma condição de dignidade humana às pessoas privadas de liberdade.

4 A APAC feminina e a dimensão do Cuidado na relação entre professora e alunas em espaço de encarceramento

Atendo-nos à APAC feminina, a partir dos questionários respondidos pelos professores, observamos que a professora Rosângela, como apontamos, foi quem mais se aproximou do perfil de educadora que buscávamos nessa caminhada. A turma em que ela atuava, no momento da nossa pesquisa, era dos anos iniciais da EJA: com cinco alunas (quatro senhoras e uma jovem) e todas relataram, nos encontros da pesquisa, dificuldades financeiras no decorrer da vida. Assim, foram sete mulheres no grupo: uma professora, cinco alunas e a pesquisadora.

Desse ambiente de pesquisa tão feminino, a pesquisadora também fez parte, pois partimos das teorias fenomenológicas de coopertinência: o humano é inseparável dos outros humanos e do mundo que habita. A compreensão aqui é sempre coletiva; a pesquisadora não é neutra, mistura-se com os fenômenos estudados.

Assim, marcamos um encontro com a professora, explicamos mais uma vez a temática do trabalho que intentávamos desenvolver naquele momento, e perguntamos se ela concordava com a observação participativa da pesquisadora em sua turma durante a aula. Ela foi muito receptiva, gentil e, interessada pela pesquisa, demonstrou abertura em todos os nossos encontros, o que facilitou muito o trabalho. O passo seguinte foi a formação do "grupo reflexivo", composto pelas cinco alunas, pela professora e pela pesquisadora.

No primeiro encontro, ocorrido dia 07 de julho de 2015, foi compartilhado com o grupo um filme escolhido por nós, *Vem dançar*¹¹, de 2006, dirigido por Liz Friedlander. Nas palavras da professora nesse encontro, o filme tratava de uma turma com alunos: "[...] entre aspas, tidos como problemáticos. [...] aí eles achavam muito mais fácil pegar esses alunos e excluir eles, colocar eles no cantinho do que procurar saber uma forma de ajudar eles".

¹⁰ A questão da religião é bem forte na APAC, de tal maneira que, neste artigo, preferimos não adentrar nesse assunto.

¹¹ O filme conta a história de um dançarino de salão profissional, Pierre Dulaine, que decide lecionar voluntariamente em uma escola pública de Nova York. O professor enfrenta resistência dos alunos no início, mas logo mistura seus métodos clássicos ao estilo de vida dos estudantes, transformando sua vida e a dos jovens através do ensino da dança. A escolha desse filme se pautou pela sua linguagem acessível e interessante para falar da relação entre professor e alunos na prática educativa.

O encontro com o grupo se deu num pequeno espaço da APAC, onde as recuperandas, quando permitido pela segurança, assistem a filmes. A mobília desse espaço era simples, mas bem cuidada: havia três sofás improvisados com colchões cobertos por uma colcha e almofadas de fuxico, tecidas pelas próprias recuperandas, uma TV e um DVD. Neste dia, percebemos o contentamento da turma com esta atividade. Quando o filme terminou, encerramos o primeiro encontro.

4.1 Dançando juntas

No segundo encontro, dia 08 de julho, realizamos a reflexão sobre o filme e, posteriormente, sobre a fábula do Cuidado relatada anteriormente. A reflexão se inicia com o questionamento sobre o que elas acharam do filme. Diante das respostas, a professora diz: "Vocês acham que o professor resolveu assumir essa turma porque os alunos já dançavam? Eles tinham as danças deles, eles tinham o linguajar deles [...]".

A partir dessa fala, podemos perceber que a professora considera importante respeitar as singularidades de cada aluno. O ambiente em que vivem também precisa ser levado em conta e não se trata de simplesmente impor uma educação, sem abertura para ouvir o outro. A professora questiona a turma sobre as atitudes do professor no filme, se elas ajudaram na mudança dos alunos:

- Acho que ajudou mais ainda foi quando ele... os meninos falaram que... ele tinha também que dançar a dança deles, e ele pensou bem... eu vou... combinar com eles, dançar as músicas deles e dançar a minha também, foi onde eu acho que encaixou mais a aula dele... (Pausa). (Aluna 3)
- Então isso, cada um cedeu um pouquinho, né? (Professora)
- Isso foi uma ajuda, o professor. (Aluna 3)
- O professor cedeu um pouquinho. (Professora)
- E eles também. (aluna 3)

A dimensão do Cuidado só acontece numa relação em que não há sobreposição de um sujeito sobre o outro. Nessas falas, percebemos justamente essa via de mão dupla. Tanto a professora quanto as alunas demonstram que a transformação através da educação, vista no filme, só aconteceu porque eles dançaram juntos, graças à entrega do professor e também dos alunos à tarefa. Há, assim, um rompimento com a hierarquia entre docente e discente, uma vez que ambos acabam cuidando um do outro. Mas, é claro que cada um cuida na medida de suas possibilidades de Ser.

Nesse rompimento hierárquico, podemos refletir sobre a figura do professor e, mais ainda, sobre o que ele pode representar em espaço de encarceramento. Partimos da fala da aluna 3 ao se referir à professora: "Porque foi aqui que eu aprendi o pouco que eu sei [...]. Só que eu não gosto de estudar. Eu tenho que ser franca, eu não posso mentir e falar assim que eu amo estudar, eu amo a senhora, estudar eu não gosto". A aluna 3 "ama" a professora, mas não gosta de estudar, mostrando o quanto a professora Rosângela é importante na sua formação. Seria possível pensarmos que o professor que atua em espaços de encarceramento tem um papel fundamental

no Cuidado com essas pessoas? Percebemos, aqui, a presença da dimensão do Cuidado nesta relação. A aluna, mesmo não tendo tomado gosto pelo estudo, encontra no tempo dedicado a ele um conforto e acaba considerando-o algo positivo em sua vida, a partir do incentivo, da paciência, da dedicação e da preocupação da professora com a turma.

No sistema APAC de São João del-Rei, as recuperandas que não concluíram a educação básica são obrigadas a frequentar a escola. Ainda no contexto do diálogo acima, a professora diz ao grupo: "Nem tudo na vida da gente é só o que a gente gosta". A aluna 3, que não gosta de estudar, responde: "aqui eu sou obrigada!". Percebemos nesse momento que a professora continua na dimensão do Cuidado; não se deixa levar pelos elogios das alunas, mas as provoca a refletir sobre a importância de estudar. Nesse diálogo sobre os aprendizados na escola, a aluna 3 conta que a primeira vez em que "sentou em uma cadeira na escola" foi na APAC. Referindo-se à professora, ela diz:

Foi, foi ela que ensinou. Tudo ela, e ninguém mais, e só ela, e isso graças ao bom Deus, ano que vem eu vou ficar com ela de novo se eu tiver aqui. E aí não vou passar de ano nunca só pra ficar com ela. (Risos) (Aluna 3)

Tais falas emocionam, pois percebemos o quanto a relação cuidadosa nesse ambiente pode ser transformadora. A relação afetiva com a professora parece ser mais importante para a aluna 3 do que os conteúdos escolares em si. Embora ela prefira não passar para o próximo período escolar para não trocar de professora, ao mesmo tempo, relatou que aprendeu a ler e a fazer cálculos matemáticos com a professora, revelando que a afetividade entre elas reflete também na aprendizagem dos conteúdos escolares.

O Cuidar, aqui, não se refere a transformar o outro em objeto de nossas ocupações, substituindo a tarefa de cuidarmos de nós mesmos por aquela de cuidarmos dos outros. Se o outro faz parte do que sou, é cuidando de mim que cuido do outro e vice-versa. Cuidar é sempre uma tarefa mútua. Cuidar também não implica colocar o outro em uma posição inferior, que precisa de assistência, mas sim percebê-lo como igual: alguém que habita e compartilha o mesmo mundo que eu. Afinal, Ser-no-mundo, para Heidegger, é uma relação com o Ser dos outros, do mundo, e com o nosso próprio Ser.

Se existimos na dimensão dessas relações, para Heidegger, é a partir do Cuidado que significamos os entes¹² que vêm ao nosso encontro. É cuidando dos outros que cuidamos de nós. Sendo assim, será que na relação entre professora e alunas/recuperandas existe uma condição de abertura e sensibilidade? Será que, na relação entre discente e docente, o professor que cuida dos alunos acaba cuidando de si mesmo?

Percebemos a preocupação da professora enquanto Cuidado (*Fürsorge*), preocupação e solicitude, como nos mostra a aluna 2, referindo-se à professora: "Hein, Rosângela, todo mundo gosta mais de você do que dos outros professores, porque você põe no eixo, mesmo. Ela conversa, aí ensina

¹² Ente, na linguagem filosófica, é tudo aquilo que é; tudo que determinamos de alguma maneira.

se a gente faz uma conta, [...] ela fala calma, vai devagar, não é, gente? Xinga". A professora não anula as possibilidades de Ser das alunas; ao mesmo tempo em que é carinhosa e afetuosa, não deixa de chamá-las para cuidarem de si mesmas. Chamar a atenção das alunas também é preocupar-se, é estar atenta as elas. Vejamos estas falas:

- Tem coisa que Rosângela fala assim, ô aluna, é assim? [...] Quando vai olha tá uma ensinando a outra (Risos). (Aluna 2)
- Na verdade, é quando sei que, às vezes, a maneira que ela vai passar vai ser muito mais fácil pra elas aprenderem do que da forma que eu passo, então às vezes eu deixo. [...] (Professora)

Nessas falas, observamos a preocupação da professora em deixar que as alunas exerçam suas possibilidades de Ser. Com uma abertura e um olhar atento, ela percebe que uma ensinando à outra pode ajudar na compreensão do conteúdo. A professora não torna as alunas suas dependentes, não as domina; ao contrário, ela as leva a assumirem seus próprios caminhos. Esse diálogo também revela o Cuidado das alunas entre si. A aluna que compreende o conteúdo escolar primeiro não hesita em ajudar as colegas, algo que notamos nas observações de campo. Afinal, como diz Heidegger, existimos enquanto Ser com os outros que compartilham o mesmo modo Ser: Ser-no-mundo. Esse compartilhar, aqui, é entre pessoas que cometeram crimes, mas, independentemente do que fizeram, o Cuidado entre elas acontece, preocupam-se umas com as outras, trocam aprendizados, divertem-se e choram juntas.

- Quando eu vim pra cá mal eu sabia meu nome, e olhe lá, viu, agora eu sei escrever umas palavrinhas, né, faltando umas letrinhas, mas lá vai. (Aluna 4)
- Porque ela veio pra cá e tinha óculos, só que os óculos não vieram, [...] aí eu falo pode fazer devagar na hora que cansar pode dá uma pausa, devagar a gente vai caminhando. (Professora)
- É bom que ela tem muita paciência pra ensinar a gente. (Aluna 4)

O olhar atento da professora, que não se deixa dispersar nas ocupações corriqueiras escolares (diário, reuniões, metas), faz com que caminhe com as alunas e esteja aberta para ajudar nas realizações das possibilidades de Ser da turma. Com seu olhar sensível, percebe a limitação visual da aluna 4 e a ajuda. Mas, ao mesmo tempo, não deixa que essa limitação impeça que a possibilidade do estudo se efetive: "devagar a gente vai caminhando" (Professora). Assim, a pesquisadora questiona ao grupo se a primeira vez que elas frequentaram uma escola foi na APAC:

- [...] eu estudei lá [na cidade em que a aluna cresceu], mas depois eu fiquei com vergonha e eu era a mais velha da minha sala, eu tava com 15 anos, aí peguei e saí da escola, ah... agora eu tô... graças a Deus eu tô voltando a estudar de novo. [...] Quando eu estudava [...], não tinha nada, quem me deu o

material foi um rapaz perto da igreja matriz, ele comprou o material tudo e me deu. Porque eu escrevia tudo com toquinho de lápis, assim, escrevia no jornal, pedaço de papel de pão. Não tinha caderno, não. As outras crianças tinham na escola... (Aluna 2)

A fala acima nos leva à reflexão sobre a situação econômica e social dessas alunas. A aluna 2 nem sequer possuía material escolar para permanecer nos estudos. Esse descuido não gera mais violência? Seria a educação uma das maneiras de cuidar? A partir dessa pesquisa, acreditamos que a situação de descuido com as pessoas menos favorecidas influencia no futuro delas e, logo, no futuro da sociedade como um todo. Todas as cinco alunas do grupo relataram dificuldades financeiras na infância e, por consequência, no decorrer da vida. Agora, privadas de sua liberdade de ir e vir, são livres para estudar, e de onde menos se esperava o Cuidado ele acontece, ali naquele espaço de encarceramento, a educação se torna possível para essas pessoas.

- Vocês se sentem livres aqui com a professora? (Pesquisadora)
- Claro, claro. Ela dá toda liberdade. (Aluna 3)
- Ela conversa com a gente, né, ensina, nós desabafa com ela. (Aluna 4)
- Não sei se todos os professores é igual, mas essa pra mim é especial. (Aluna 3)
- Na minha opinião é a melhor professora que tem aqui dentro. (Aluna 1)

Essas alunas privadas de liberdade se sentem livres na escola. Com suas falas, pensamos nas nossas experiências como professores no ensino fora das grades, considerando que a escola, muitas vezes, representa um cárcere para os alunos(as). Já para essas alunas em questão, a sala de aula é um espaço de liberdade. Sentir-se livre no ambiente de aprendizado escolar é uma dimensão do Cuidado, livre para Ser o que se é, realizando suas possibilidades de Ser. Livre para desaprender, aprender e reaprender.

Nesses momentos de liberdade de reflexão entre as alunas e a Professora podemos perceber ainda alguns aspectos patriarcais do encarceramento feminino. Como a professora diz:

[...] E aí de vez em quando a gente para a nossa aula e a gente conversa, conversa muito e, aí, eu vejo que... na verdade essas conversas ajudam muito, sabe, ajudam muito, porque sempre, sempre fica uma mensagem. [...] Tipo assim, é... a gente sabe que a maioria das mulheres que estão presas, né, por causa de tráfico e tudo, e, é por que? Justamente porque são levadas pelos namorados e tudo. E elas não param para pensar nelas, enquanto mulher. (Professora)

Nesse universo, a partir da pesquisa de campo, percebemos que os crimes que levaram essas recuperandas a estarem na situação de encarceramento são relacionados, em geral, à submissão feminina imposta

pelo patriarcado, seja ao marido, ao companheiro ou ao filho, do sexo masculino, que cometia o crime de tráfico de drogas, e as mulheres acabavam se envolvendo, muitas vezes sem saber. Observamos, ainda, que muitas delas mal sabiam ler, e só tiveram acesso à alfabetização dentro do ambiente carcerário. Temos, com essa informação, um indicativo de que o pouco acesso à escola ou a outros meios de Educação é um fator que contribui para o aumento da população dos presídios. Fica, então, a reflexão: essas mulheres teriam um destino diferente se tivessem acesso à educação escolar antes de serem presas?

[...] Aí a gente se cuida, nós nos cuidamos. É, além de nós nos cuidarmos eu tento passar pra elas se cuidarem, principalmente elas se cuidarem. Porque eu já falei que aprendo muito mais do que eu ensino. Mas isso aqui é uma passagem... Eu passo na vida delas e elas passam na minha, mas o que eu aprendo com elas fica em mim e o que eu ensino fica nelas. (Professora)

A professora, nesse cenário prisional, precisa ir além da educação escolar, problematizando as questões e levando as alunas a uma reflexão. Ela é uma figura crucial no processo educativo. Como observa Camila Cardoso (2013, p. 230):

Não basta retirar a pessoa da sociedade de pertencimento e inseri-la em outra com a justificativa que o isolamento e a privação de liberdade não são pilares suficientes para devolvê-la com outra conduta, se não houver espaços na prisão que contemplem o diálogo e a reflexão crítica sobre a realidade.

Abrir espaços para reflexão, rompendo com o conteúdo escolar programado, é uma forma de cuidar. É não se perder no mundo das ocupações (*Bersorgen*), de prazos a cumprir, de relatórios e métodos pedagógicos predefinidos, mas se preocupar com o outro (*Fürsorgen*). São momentos que rompem com o cotidiano programado e abrem espaço para novas descobertas, aprendizados e novas experiências. É um estar aberto ao que vem ao encontro, sentindo, ouvindo, ajudando.

– [...] o dia que eu sair daqui eu tenho vergonha de chegar na minha terra que... [...] eu nunca caí nessa, entendeu? Na cadeia... não, [...] fui defender meu filho. O que uma mãe não faz por um filho. Em um ponto desse aí eu fui errada. Não fui? Então, isso que é o cuidado. (Aluna 4)

– [...] Éh, Aluna 4, você trabalhou muitos anos, nunca mexeu com isso, você só... ajudava... só... tá passando por isso, por causa do seu filho, né? [...] Ah, eu já passei por isso. (Aluna 2)

Nesse trecho, é interessante que o grupo, refletindo sobre o que seria o Cuidado na fábula citada por Heidegger, traz o tema para suas próprias vidas, relacionando com a maternidade. A aluna 4, ao relatar como foi presa, afirma que o motivo pelo qual se encontra nessa situação de encarceramento seria para proteger o filho. Como a professora diz, "cuidado ao extremo" com o filho.

Além disso, o fato de a aluna 4 sentir vergonha de voltar para casa nos chamou atenção, pois, na maioria das vezes, o sujeito que já foi preso é mal visto pela sociedade, sofre preconceito, não consegue emprego e não é respeitado. A pena pelo crime cometido parece ainda continuar fora das grades. Além disso, as alunas relatam que seus familiares também estão cumprindo pena, o que abre a reflexão: a maioria das pessoas presas é de classes menos favorecidas, e isso soa mais forte ainda quando vemos que existe mais de uma pessoa presa na mesma família. Essa população já nasceu sob a marca das desigualdades sociais. É desses sujeitos encarcerados que estamos tratando aqui. De acordo com Onofre (2013, p. 54):

No dizer de Scarfò (2007), a maioria dos privados de liberdade provém de classes sociais menos favorecidas, com baixo nível de instrução e desvantajoso acesso ao mercado de trabalho – pode-se afirmar, que tais fragilidades, são decorrentes por não terem sido atendidas suas necessidades básicas. A trajetória de vida dos privados de liberdade é semelhante à de pessoas que sofrem exclusão social e econômica e com o aprisionamento, se traduz em consequências físicas e de impacto em sua subjetividade.

Essas condições de vida da população carcerária no Brasil nos levam a pensar em nosso descuido com esses sujeitos, em todas as instâncias da existência: exclusão de laços familiares, da escola, do emprego, da saúde, da cultura e da política. Será que cuidamos autenticamente desses sujeitos que compartilham o mesmo mundo que nós? Descuidando disso não descuidamos de nós mesmos?

4.2 A professora

Realizamos, no dia 16 de julho de 2015, uma entrevista com a professora da turma em sua residência. No início, percebemos que o preconceito da sociedade se estende do sujeito preso para quem trabalha com eles:

[...] Fui lecionar no presídio, nas primeiras semanas o pessoal achava meio esquisito: você tem sonhado que está presa? Eu não tenho sonhado. Eu achava normal, via que ali era um ambiente pesado, triste, cheiro muito forte, mas para mim era um lugar normal. Até então, porque enxergo que ali as pessoas estão pagando por uma coisa que elas fizeram, nada mais. (Professora)

Esse relato demonstra o medo e o preconceito da sociedade com aqueles que se encontram em situação de privação de liberdade. A professora sofreu preconceito da sociedade por lecionar em uma escola no presídio, o qual também é sofrido, na maioria das vezes, pelos alunos, como ela relata: “[...] a pedagoga chegou perto de mim e falou: Rosângela, vai um aluno para sua sala e ele é meio assim, meio esquentadinho, eu falei: Não tem problema, tudo bem!”.

O Cuidado acontece, aqui, na medida em que a professora não julga o aluno caracterizado pela pedagoga como “esquentadinho”, ela vai para a sala de aula em uma condição de abertura, sem predefinir os alunos e a aula. Contou, empolgada, que foi justamente esse aluno que a ajudou no momento de um conflito ocorrido na sala de aula entre as grades. Durante o acontecido, a professora afirma que, mesmo com nervosismo de todos, ela continuou sua aula: “[...] Eu vi, naquele momento, que se eu saísse da sala de aula, eu ia mostrar fraqueza e não é isso que eles esperam da gente enquanto professor, eles não esperam que a gente demonstre fraqueza e tenha medo deles”.

No cotidiano escolar, muitas vezes padronizamos tudo: as pessoas e as aulas. Essa professora, ao contrário, permite uma abertura, continua sua aula e não olha para alunos de maneira preconceituosa, com medo, afinal, ela é professora, não estava ali para julgar ou punir, mas para lecionar e mostrar, quem sabe, novas maneiras de olhar o mundo. Ainda sobre o tempo em que lecionava na escola do presídio (Mambengo), ela nos fala sobre a questão da segurança. Conta-nos que, lá, as aulas acontecem em uma cela; o professor fica dentro dela com os alunos e o agente de fora. Além disso, ela conta que os professores que lecionam na Escola Detetive Marco Antônio de Souza, até o momento desta pesquisa, não recebiam o auxílio periculosidade para lecionar no presídio.

A professora continua seu relato, dizendo como saiu do presídio e foi lecionar na APAC feminina: “E lá na APAC feminina é aquelas meninas lá (sorriso), a gente fala meninas”. Esse carinho da professora em chamar as alunas de “meninas”, percebemos também com os outros professores e com a própria pesquisadora, quando lecionou ali: “meninas da APAC”, “minhas meninas”, “meninos da APAC”, “meninos do presídio”, expressões usadas sempre de forma carinhosa. Como Rosângela, mesmo, disse: “enquanto eles estão na sala de aula com a gente, eles não são presos”. Talvez o respeito por ela sentido por alunos e alunas, como disse, exista porque, primeiramente, ela os respeitou, olhou para eles como pessoas que são, e não como criminosos. Isso é o Cuidado, sempre em dupla dimensão; ele só acontece se vier de ambas as partes.

Tal Cuidado também é percebido quando a professora nos conta de sua paciência com um aluno que cantava *funk* na sala: “tá bom, então vamos lá, quer cantar, cante baixo, e da música dele eu pegava o gancho para começar a lecionar minha aula”. Ela compreende a carência afetiva desses alunos e não se deixa levar pelos planos de aula predefinidos. A professora, então, cuidou desse aluno, não o julgou ou puniu por cantar na sala; pelo contrário, em uma abertura, percebe que, “dançando a dança deles”, os conquistaria e, assim, poderia ensinar os conteúdos escolares e repensar os valores que, segundo a mesma, os alunos, tanto da escola fora das grades quanto entre grades, precisavam.

Como as experiências de magistério da professora foram com alunos “carentes” de afeto, de respeito, de cuidado, de uma classe social menos favorecida, ela afirma que não sente a diferença em lecionar para estudantes em situação de privação de liberdade. Para ela, são alunos; o que fizeram não importa, ela não os julga, em vez disso, acolhe e compreende a situação em que vivem. No final de sua fala, a professora observa que tanto ela quanto os

outros professores sentem mais respeito por parte dos alunos na escola alocada no sistema prisional do que nas escolas regulares.

Diante disso, a pesquisadora a questiona se esse respeito é de submissão ou de carinho, a professora responde: “De carinho”. Isso nos mostra a relação afetuosa entre ela e seus alunos. Respeitar o outro de forma carinhosa é cuidar, é estar atento ao outro que compartilha o mesmo modo de ser no mundo. Isso fica mais forte ainda em um ambiente de pessoas que, na maioria das vezes, só receberam carinho na escola; a grande maioria das alunas em situação de encarceramento é carente de afeto, não tem família presente em casa.

A partir da conversa sobre seus alunos, a professora nos conta um pouco sobre as meninas/alunas da turma na qual realizamos o grupo reflexivo descrito anteriormente: “Tem dia que nada que a gente planeja é daquele jeito, né. A gente tem que mudar todo o esquema da aula, parar a aula, que às vezes uma conversa com ela rende muito, muito mais do que o conteúdo em si”. Assim, mais uma vez, a professora abre um espaço para a reflexão, escuta e sente as aflições das alunas. Em estreita consonância com a postura e as atitudes da professora em questão, Henz e Toniolo (2013, p. 4) afirmam que:

Na escola, esse constante aprender acontece nas trocas, nas interações que se estabelecem entre educandos-educadores-contexto, que, juntos, vão aprendendo a ser numa relação horizontal, afetiva/amorosa, dialógica, problematizadora, reflexiva e transformadora. O saber do educador vai se interligando ao saber dos educandos nas trocas que se estabelecem no decorrer da práxis educativa, com diálogo e afetividade, o que em muitos momentos provoca o conflito, a reflexão crítica rigorosa, a passagem da curiosidade espontânea para a curiosidade epistemológica, sem imposição e manipulação. Isto somente é possível se houver um profundo amor às pessoas e ao mundo, com a confiança de que a mudança é possível.

A professora se entrega aos conflitos das alunas, conversa, escuta e aconselha: “É por causa de tráfico, a maioria. E a maioria está presa justamente por causa do companheiro. [...] Porque eles são os primeiros a abandonar elas [...]”. Aqui, mais uma vez, ela traz à tona a questão sobre a submissão feminina ao companheiro, relatando a situação da mulher nos presídios, que muitas vezes são abandonadas pelo parceiro e perdem a guarda dos filhos¹³.

Além disso, na pesquisa, percebemos que muitas alunas, após cumprirem a pena, voltam às ruas, ao uso de drogas e, posteriormente, são presas novamente. Assim, a professora aponta sua preocupação com as alunas que saem da APAC e, conseqüentemente, da escola. Ela sente que o trabalho com as “meninas” devia continuar fora da APAC também. Assim, um

¹³ A maioria das prisões de mulheres está relacionada com o tráfico de drogas e são poucos os casos de crimes com violência. Dados do Ministério da Justiça mostram que o perfil das mulheres presas no Brasil é formado por jovens, entre 18 e 34 anos, e 58% delas são analfabetas, alfabetizadas ou não têm o ensino fundamental completo. (Ministério da Justiça - Governo Federal, acesso em 10/07/2020).

cuidar contínuo daqueles que compartilham o mesmo modo de Ser. Nessa perspectiva, cuidar das alunas recuperandas da APAC não é fazer caridade. Ora, se almejamos um mundo mais habitável, seguro, se não queremos ser assaltados nas ruas e termos nossas casas invadidas, é preciso ir aos presídios e cuidar das pessoas que possuem o mesmo modo de Ser que o nosso e compartilham o mesmo mundo, mas que por alguma intempérie da existência traçaram caminhos diversos. Será a educação no cárcere uma das maneiras de cuidarmos de nós e do mundo? Na esteira dessas cogitações, a pesquisadora questiona a professora se ela acredita que a escola e os professores fazem a diferença na vida das alunas:

Eu acredito que os professores fazem uma diferença muito grande, até em relação ao comportamento, né? Eles mudam muito o comportamento deles, eles começam a pensar mais. Já tive caso de aluno que falava que preferia ir pra escola do que ficar dentro da cela, porque dentro da cela não ouvia nada de útil e na sala pelo menos a conversa, eles falavam que chegavam um certo tempo que eles viam que a conversa da sala de aula era mais proveitosa, mais proveitosa do que a da cela. (Professora)

A fala acima mostra o engajamento da professora na melhoria da educação no cárcere. E a fala a seguir diz respeito a sua crença no poder da educação de mudar as pessoas e o mundo: "Porque eu acho que a gente só consegue alguma coisa com educação, porque se não for a educação, nada muda, sabe, o mundo não muda, as pessoas não mudam. Porque só com a educação que vai ter mudança" (Professora). A educação não é uma panaceia para todos os males do mundo e ela sozinha não pode mudar tudo. Contudo, sem ela, certamente toda mudança das pessoas e do mundo se torna mais difícil. Mas, Rosângela tem fé na educação e vê nela um caminho que pode transformar o modo de viver dos alunos que estão privados de liberdade. Educar nesse espaço é uma das maneiras de cuidar dessas pessoas, muitas vezes esquecidas pela sociedade em geral. Na fala abaixo, ela que é professora, se coloca no lugar de aprendiz:

Eu gosto muito. Lá, na verdade, é assim, tem gente que vai achar até estranho tudo, mas às vezes eu sinto até paz, sabe. Porque com esses anos de sistema prisional eu aprendi muito mais do que eu ensinei [...]. Nós enquanto estamos aqui fora estamos sujeitos a estar no lugar delas, e elas no lugar da gente um dia, a gente não sabe. [...]. (Professora)

A professora gosta de lecionar para as "meninas", existe uma relação de afeto e de aprendizagem que transformou seu modo de ver o mundo. Ela cuida das alunas, encorajando-as a seguir em frente, olha para as "meninas" como seres humanos que são, e não como criminosas que precisam ser julgadas e punidas o tempo todo. Ela se coloca no lugar das alunas: "Eu aprendi a me colocar no lugar delas. Aprendi a ser mais cuidadosa" (Professora). Ela percebe o outro como igual que compartilha o mesmo mundo e possibilidades de Ser.

O Cuidado se dirige para o aluno no ato de lecionar e se efetiva na relação entre docente e discente. O cuidar de nossos alunos encarcerados é um cuidar daquele que ama, trabalhando em favor deles. Nós, enquanto existentes, segundo Heidegger, precisamos cuidar do mundo, tornando-o habitável. Essa reflexão se torna ainda mais pertinente quando pensamos a prática educacional no ambiente carcerário, com todas as mazelas e possibilidades de trabalho que fazem parte desse espaço.

Habitar o mundo tem um sentido, aqui, muito além daquele de residência; remete à relação de cooptinência entre homem e mundo, remete a já estarmos aí, sendo no mundo (*in-der-Welt-sein*) junto aos outros (*Mitsein*). Mais do que morarmos no mundo, é junto a ele e com os outros que nós reconhecemos e realizamos nossas possibilidades de Ser; que, no entanto, só se realizam autenticamente se mediadas pelo Cuidado.

Será que nos esquecemos de cuidar dos encarcerados? Seres que muitas vezes a sociedade externa abandona, segrega, excluindo de qualquer tratamento minimamente "humano", o que, posteriormente, contribui para a perda coletiva dessa mesma humanidade. A possibilidade de romper com as regras de convivência é constitutiva de todos nós enquanto humanos civilizados que somos. Nossa vontade é que, a partir deste estudo, possamos analisar questões como: até que ponto cuidamos de nós mesmos e do mundo? Como fazê-lo a partir da prática educacional? Ao nos colocarmos esses questionamentos, talvez possamos refletir sobre nossas atitudes cotidianas e avaliarmos o quanto realmente estamos abertos a cuidar e a sermos cuidados pelos outros que vêm ao nosso encontro.

Cuidar é uma tarefa mútua!

5 Considerações finais: caminhos que não se encerram

Na busca por investigar se existia a dimensão do Cuidado na relação entre professora e alunas em espaço de encarceramento, caminhamos de maneira fenomenológica. Sem paralelos de latitude e longitude traçados, o que tínhamos de início era um questionamento/interrogação. Para a fenomenologia, não existe hipótese de pesquisa, pois não existe um problema de pesquisa, mas sim uma interrogação. Problemas já pressupõem soluções/hipótese, já na interrogação fenomenológica o que há é uma abertura/disposição para ouvir o fenômeno interrogado, é um estar aberto ao outro. Nesse caminho, buscamos habitar o ambiente dos envolvidos na pesquisa, observando e interagindo com alunas e professora. De maneira hermenêutica, interpretamos como esse ambiente as afeta e deixamo-nos afetar por ele também, compartilhando e vivenciando junto com elas as experiências das aulas no cárcere. Assim, foi coletivamente com essas pessoas que a construção desse trabalho pôde ser tecida.

Dessa forma, descrevemos até onde conseguimos ir com nossos questionamentos iniciais acerca da dimensão do Cuidado na relação entre alunas e professora e como acontece tal relação. Dimensão essa que permeia as relações das alunas com seu próprio Ser, com as colegas de sala de aula, com a professora e com o ambiente no qual essas relações acontecem: o espaço de detenção da APAC feminina de São João del-Rei, MG.

Percebemos que, no espaço pesquisado, existe a dimensão do Cuidado. As alunas cuidam desse ambiente, habitando o mundo em que vivem, num sentido muito além do de residência; elas se reconhecem junto à escola e aos outros que ali estão e realizam suas possibilidades de Ser. A escola representa para elas um espaço de liberdade, nela se sentem livres para Ser o que são e, quem sabe, se redescobrirem. O mesmo acontece com os professores que se sentem acolhidos e respeitados pelas alunas, mais especificamente, a professora Rosângela, que se sente parte do ambiente, "veste a camisa", é engajada nas questões políticas que envolvem a escola e nos projetos que ali acontecem.

Ora, cuidar do ambiente em que vivemos é uma dimensão do Cuidado, é construir e preservar o mundo que já está sempre aí, antes mesmo de refletirmos sobre ele. Na perspectiva heideggeriana, só existimos numa relação de cooptinência com o espaço em que vivemos; ao cuidarmos dele acabamos por cuidar de nós mesmos.

A dimensão do Cuidado também pôde ser vivenciada nas relações que se estabelecem, das alunas, entre si. Segundo Heidegger, só existimos em um mundo compartilhado, não estamos simplesmente nele, mas nos relacionamos com ele. Em uma ocupação, também nos vêm ao encontro os outros. Esses são aqueles que compartilham o mesmo modo de Ser: Ser-no-mundo. Assim, todos nós compartilhamos a mesma possibilidade de Ser (Ser aluna, Ser recuperanda, Ser professora, Ser pesquisadora...). Seguindo esse pensamento, não é possível cuidar do meu próprio existir sem cuidar dos outros com quem compartilho o mesmo mundo.

Na vivência com as alunas, percebemos que uma cuida da outra, na medida em que uma ajuda na dificuldade escolar da outra, chamam a atenção quando percebem que algo não vai bem, brincam, choram e compartilham as mesmas experiências femininas: a dor de estarem longe dos filhos, os maridos que as abandonaram, as histórias de vida que se cruzam na dificuldade de sobrevivência e no descuido de uma sociedade que fecha os olhos para aqueles que se encontram à margem, que não tiveram condições financeiras para estudar e, muitas vezes, nem mesmo condições para alimentar os filhos. A dor dos esquecidos, excluídos, rejeitados e trancafiados em celas, muitas vezes imundas e sem tratamentos minimamente humanos. A punição que se estende da privação de liberdade para a privação de humanidade.

A nossa vivência nesse espaço de encarceramento nos possibilitou compreender que a escola não é, por si só, a redenção dos muitos problemas sociais brasileiros como: o da pobreza, do analfabetismo, da violência etc. A escola pode configurar-se como uma dimensão de Cuidado e, quem sabe, o revelar de uma nova possibilidade de Ser, já que só vivemos num contínuo fazer-se e desfazer-se, não estamos prontos/acabados. Ali, onde menos se espera, em privação de liberdade, o Cuidado passa de uma possibilidade de Ser e se efetiva nas relações em sala de aula.

A relação da professora Rosângela com as alunas/meninas nos mostra que é possível humanizar a vida entre as grades através de uma educação na dimensão do Cuidado. As alunas só sentem carinho e respeito pela professora porque, primeiramente, ela as respeitou, não as viu como criminosas, mas como pessoas que são. Isso é o Cuidado, sempre em dupla dimensão, só acontece se vier de ambas as partes. A relação entre professora e alunas

revela que a educação no cárcere é uma das maneiras de cuidarmos de nós e do mundo. Através das aulas, nos momentos de reflexão, as alunas repensam seu modo de existir e se sentem acolhidas pela professora, em uma dimensão do Cuidado daqueles que compartilham o mesmo modo de Ser.

No entanto, cabe ressaltar que instituições como a APAC, que buscam a humanização e não somente a punição daqueles que se encontram em privação de liberdade, ainda são escassas em nosso país. Assim, ainda temos um longo caminho a trilhar para garantir espaços que permitam essas relações de Cuidado e romper com o preconceito da sociedade de que somente trancafiar pessoas resolveria o problema da violência.

Ao fim deste texto, sabemos que essa caminhada não termina aqui, pensar no Cuidado com os encarcerados permanece como algo urgente em nossa sociedade. Um sujeito privado de sua liberdade, embora tenha cometido um crime, não deixa de pertencer à sociedade e de ter seus direitos. Ao contrário, ele continua sendo um sujeito/humano com vontades e necessidades que precisam ser ouvidas. Não buscamos, neste trabalho, justificar o crime/violência, mas pensar sobre o sujeito, enquanto ser humano existente no mundo, que habita e compartilha o mesmo mundo que nós. As grades da prisão não são as únicas que nos mantêm presos!

“Porque são os passos que fazem os caminhos!” (Mario Quintana).

Referências

BRASIL. Ministério da Justiça e Segurança Pública. Governo Federal. Disponível em: <https://www.justica.gov.br/news/numero-de-mulheres-presas-aumentou-256-em-12-anos>. Acesso em: 10/07/2020.

BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. Lei nº 7.210, de 11 de julho de 1984. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l7210.htm. Acesso em 25/11/2020.

BRASIL. Portal MEC. Lei de Diretrizes e Bases, de 20/12/1996. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/tvescola/leis/lein9394.pdf>. Acesso em: 26/11/2020.

BRASIL. Portal MEC. Resolução, nº 2, de 19/05/2010. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=5142-rceb002-10&category_slug=maio-2010-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 25/11/2020.

CARDOSO, Camila Menotti. **O exercício da docência entre as grades**: reflexões sobre a prática de educadores do sistema prisional do estado de São Paulo. 2013. 198 f. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de São Carlos: UFSCar, São Carlos-SP, 2013. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/bitstream/handle/ufscar/2672/5253.pdf?sequence=1&isAllo wed=y>. Acesso em: 23/07/2020.

COSTA, Sidney Alves. Diário de campo como dialética intersubjetiva. In. **Sociologia Rural**: Questões metodológicas emergentes. Presidente Venceslau: Letras à Margem, 2002, p.173-185.

SOUSA, C. M.; OLIVEIRA, W. C. *O Cuidado na relação professora e alunas: A educação no cárcere numa perspectiva fenomenológica.*

Dossiê: "Educação em prisões: experiências educativas, formação de professores e de agentes socioeducativos"

HENZ, celso Ilgo; TONIOLO, Joze Medianeira dos S. Andrade. Dialogar e amar: ensinando/aprendendo para ser mais. **Políticas Educativas**. Porto Alegre, v. 6, n.2, p. 101-117, 2013. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/Poled/article/view/45659/28839>. Acesso em: 23/07/2020.

FERNANDES, Marco Aurélio. In: PEIXOTO, Adão José. **Fenomenologia do cuidar: perspectivas multidisciplinares**. Curitiba: Juruá, 2011. p. 17-32.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo** (Parte I). Tradução de Marcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes, 1988.

ONOFRE, Elenice Maria Cammarosano. A Educação na Prisão como Política Pública: entre desafios e tarefas. **Educação e realidade**. Porto Alegre, vol.38, nº.1, p. 51-69, Jan./Mar, 2013. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-62362013000100005&lng=pt&tlng=pt. Acesso em 23/07/2020.

Tribunal de Justiça do Estado de Minas Gerais. **Programa novos rumos**. Belo Horizonte – Minas Gerais, 2011). Disponível em: <http://www8.tjmg.jus.br/presidencia/programanovosrumos/cartilha.html>. Acesso em: 23/07/2020.

SYZMANSKI, Heloisa; BARREIROS, Gilberto Ferreira. A experiência de ser pai: um estudo fenomenológico sobre a constituição identitária. **Revista Educação, Ciência e Cultura**. Canoas- RS, vol. 18, nº. 1, p. 65-75, jan./jun, 2013. Disponível em: <https://revistas.unilasalle.edu.br/index.php/Educacao/article/view/1067>. Acesso em: 23/07/2020.

VEM dançar. Direção de Liz Friedlander. EUA, 2006. (1h 55min). Legendado.

Contribuição dos autores

Autora 1: Pesquisadora e orientanda.

Autor 2: Pesquisador e orientador.

Enviado em: 24/julho/2020 | Aprovado em: 23/novembro/2020